

PALAVRAS FINAIS
ENTREVISTA

E.C. — Repetindo uma indagação de Eça de Queiroz, o grande escritor português: “O que nós queremos saber é o espírito das gerações.” Assim, Ministro Anselmo Santiago, qual é o espírito da sua geração?

Ministro Anselmo Santiago — Minha geração é do pós-guerra, período do qual grandes e profundas influências no mundo e nas pessoas produziu. Minha geração que antecedeu à grande revolução de costumes não conviveu com os movimentos rebeldes da juventude dos anos 1960, quer na chamada revolução sexual, quer nas suas graves inquietações políticas e culturais.

E.C. — Ministro Anselmo Santiago, lembrando ao matemático e filósofo inglês Bertrand Russell, quando beirava aos 90 anos, reclamou: “quando criança não entendiam às crianças, agora sou velho, não entendem aos velhos.” A sua geração é, hoje, compreendida?

Ministro Anselmo Santiago — Não tenho vivenciado esse questionamento. Certo que a fase atribuída a Bertrand Russell, proferida há tanto tempo continua atual e por muito tempo, creio.

**E.C. — “Como são belos os dias
Do despontar da existência.” — C. de Abreu.**

O que o Sr. mais guarda da infância, o que mais frequentemente lhe vem à memória; daquele menino às vezes presente, às vezes distante no tempo?

Ministro Anselmo Santiago — Gostava muito dos folguedos juninos e das brincadeiras próprias da infância.

E.C. — Há crianças que nascem homens prontos, mas alcançam a infância junto com a velhice. O menino José Anselmo de Figueiredo Santiago era dedicado, sério, atinado ou acanhado. Um exemplo de bom menino, um bom aluno?

Ministro Anselmo Santiago — Realmente, nunca fui mau aluno. Sempre me dediquei aos estudos e por vezes deixava de brincar para estudar.

E.C. — O Sr. começou a trabalhar muito cedo, ainda menino, em um cartório junto a familiares. Como foi aquela experiência?

Ministro Anselmo Santiago — Correto. Minha família, através de um de seus membros, possuía cartório e ali comecei meus primeiros passos nas tarefas diárias, no trabalho.

E.C. — Uma orientação para o trabalho, ao que parece, feita nos primeiros anos da adolescência, como era comum, sobretudo à sua época, dava ao mancebo: determinação de caráter, determinação à luta pela vida, uma busca aguerrida e respeitosa por ideais nobres. Coisas estas, que vemos fraquejar, apesar de contar hoje com os benefícios da modernidade. Como o Sr. percebe estas mudanças? Pode aconselhar?

Ministro Anselmo Santiago — Se pudesse oferecer conselho, eu diria que o trabalho molda o caráter, valoriza o ser humano e contribui para o progresso familiar e do país. E isto deve se dar desde a mocidade.

E.C. — Ministro Anselmo Santiago, o seu avô e o seu pai foram magistrados de escol. Essa descendência foi influente para que o senhor viesse a abraçar à Magistratura com tanto empenho e a exercê-la marcadamente com brilho?

Ministro Anselmo Santiago — Certo que a família exerce muito fortemente influência na escolha das profissões por parte dos jovens. No meu caso, uma tia minha afirmava que um dia me sentaria na curul presidencial a que meu avô, Desembargador, ocupou no TJ/PA. Eu não fui desembargador como o avô e meu pai, porém exercia a magistratura federal e cheguei a Ministro do STJ.

E.C. — “Uma grande vida é um ideal da juventude realizado na idade madura.” Vigny. Pode-se dizer que o senhor, hoje Ministro aposentado do STJ, teve esse ideal?

Ministro Anselmo Santiago — Complemento a indagação anterior. Não necessariamente foi um ideal da juventude a carreira judicante. Mas não deixava de ser uma aspiração e quase uma consequência natural da vida familiar e profissional de meus ancestrais.

E.C. — Sr. Ministro, da sua entrada para a magistratura, para cá: mudaram as causas, os jurisdicionados, o perfil dos magistrados e a legislação processual?

Ministro Anselmo Santiago — Sim. A pleora de ações no judiciário, mercê da fabulosa quantidade de recursos nos tribunais superiores tem contribuído em muito para mudar o comportamento dos magistrados e dos jurisdicionados com uma legislação processual inadequada e estranguladora.

E.C. — O Sr. é muito amigo do “melhor amigo do homem”, a ponto de, certa feita, apanhar na rua um vira-lata abandonado, faminto e sarnento. Levá-lo para casa, tratar e adotar, dando a ele inclusive um nome — Este felizardo não foi o único sortudo da espécie. Como esta grandeza de

coração atinge esta manifestação, sendo difícil ter amizade, manifestar amor, carinho, apego aos seres de nossa espécie?

Ministro Anselmo Santiago — Como o prezado entrevistador veio a saber de questão tão pessoal é intrigante, mas verdadeira. Efetivamente sempre fui muito observador da natureza e do cotidiano. Certa feita, numa região praiana de Belém, vi um cão vira-lata bastante maltratado e outro, mutilado. Recolhi-os para minha casa e os tratei, dando-lhes comida e carinho. Aliás, gosto muito de cachorros. Já criei muitos, ao longo de minha vida.

E.C. — A vida de um jovem juiz no interior do Pará, quando o Sr. iniciou na magistratura era de: renúncia às coisas materiais, pelo exercício da magistratura, a fim de disciplinar e controlar as próprias tendências humanas; desenvolver a virtude e atingir a perfeição de si mesmo e da aplicação da lei. Numa palavra: beirava o asceta?

Ministro Anselmo Santiago — Quase. Abdiquei de festas e prazeres. Cuidei com dedicação sacerdotal da prestação jurisdicional. Pouco tempo sobrou para a família durante esses 50 anos de carreira pelas matas do Pará, como juiz estadual, e, depois, como magistrado federal.

E.C. — Em Marabá-PA, o então jovem Juiz José Anselmo de Figueiredo Santiago, recebeu a alcunha de “Mão-de-Aço”. Como foi este episódio?

Ministro Anselmo Santiago — “Mão de ferro”, “carne de pescoço” etc... são expressões usadas para dizer que alguma pessoa é rigorosa em seus afazeres.

Em Marabá-PA, à época em que para lá fui destacado como juiz, tornou-se necessário agir-se com rigidez, eis que não só encontrei bastante deteriorado o ambiente de trabalho, como, também, a população, a cidade até então não acreditava e nem confiava na Justiça, situação que passou a mudar significativamente mercê de atitudes e providências que tomamos.

E.C. — Sr. Ministro, para o mundo dos juízes é verdadeira uma colocação como esta: Deus protege os homens fracos, os fortes, os ricos, os pobres, os alegres ou tristes, e a todo o necessitado de Justiça?

Ministro Anselmo Santiago — Deus é o Pai amantíssimo que não discrimina os seus filhos. Se ricos, se pobres, se branco, se preto ou amarelo não importa todos são iguais perante o Criador.

E.C. — A expressão ainda é conhecida: “no Brasil cadeia é para pobre”, ao que parece, se combate ao criminoso e não ao crime. Até que ponto, então, o crime está ligado à educação e ao nível social?

Ministro Anselmo Santiago — Certamente, na etiologia, na gênese do crime encontramos dentre outros fatores, a educação precária ou inexistente, o desemprego etc... Mais pobres são presos, a estatística está aí. Mas não concordo com a frase tão em voga. O que ocorre é que a Justiça brasileira é cara. O rico pode contratar bons advogados, esgotar a via recursal etc...

E.C. — Brasília foi marcada pelo símbolo de tocador de obras. A sua Presidência no TRF da 1ª Região seguiu à risca este símbolo. Como ocorreu esta comunhão entre juiz e tocador de obras?

Ministro Anselmo Santiago — Sempre procurei, meticulosamente, cumprir com minhas obrigações. Como Presidente do TRF/1ª Região, “toquei” obras na construção, reforma ou reparos de fóruns nos seguintes Estados: Acre, Rondônia, Amazonas, Roraima, Amapá, Piauí, Tocantins, Pará etc... Nunca deixei de acompanhar atentamente a execução dessas obras. Fiscalizei para depois aprovar e pagar os serviços.

E.C. — Ministro Anselmo Santiago. A sua vinda para o Superior Tribunal de Justiça tem alguma ligação direta com a sua Presidência no TRF da 1ª Região, reconhecidamente operosa, pelo descortino de decisões novas e difíceis que tomou?

Ministro Anselmo Santiago — Não, não tem. A aprovação de nosso nome para compor a elite da magistratura brasileira, no caso esta Corte, deveu-se à benevolência dos meus Pares. Mas, tenho consciência de que ao longo de meus 50 anos de vida pública a maior parte dos quais dedicados à Justiça, honrei minha família e minha carreira, dando o melhor de mim em prol da magistratura nacional.

E.C. — Entre as correntes da Filosofia do Direito, como é a que o Sr. mais assenta o espírito?

Ministro Anselmo Santiago — Sempre fui um Kelseniano. Para mim, o Direito, em sua essência, é pura norma. Longe estive, em meus primeiros estudos, da adoção do Egologismo Jurídico, do Tridimensionalismo do Direito, apesar de respeitar essas correntes filosóficas. Sou muito prático. Aquilo que se diria: “pé no chão.

E.C. — Ao que parece, o Poder Judiciário, acata *in limine*, posições de interesse do Poder Executivo. Cita-se a cassação de liminares nos casos de privatizações e a liberação dos cruzados. O Poder Judiciário, sem jamais arrostar aos demais, sofre algum cerceamento?

Ministro Anselmo Santiago — Sempre fui independente. Não aceito e nunca aceítei pressões de quaisquer tipos. Decidi de acordo com a Ciência do Direito e minha consciência.

E.C. — O senhor, quando Presidente do TRF, cassou liminares, que impediam a venda de empresas estatais e que autorizavam saques bancários – episódio da retenção dos cruzados – Decisões que atendiam aos interesses do Governo Federal – Mas, por outro lado, à época, como se fosse uma afronta ao mesmo Governo e correligionários, o senhor decidiu favoravelmente aos aposentados, dando ganho de causa para o reajuste de 147,06%. Dando provas de ser um Juiz de Direito (o que julga segundo o que é justo). Como se explica esta situação, ao que diz: “O juiz acende uma vela a Deus e outra ao Diabo”?

Ministro Anselmo Santiago — Aí está a “prova provada”, na linguagem de De Plácido e Silva de que eu, na minha jornada judicante, não me deixei envolver, enredar ou pender para qualquer lado. Julguei, como disse, de acordo com a lei e minha consciência, tanto num caso como no outro.

E.C. — A cobrança do INSS por faz ou nefaz, aos aposentados, decidida a pouco, e da qual o cidadão Anselmo de Santiago, ministro recém-aposentado, é agora penalizado. Será que o Poder Judiciário posicionará com a bandeira do Direito adquirido junto ao clamor dos atingidos? E qual é a sua posição?

Ministro Anselmo Santiago — Eu não concordo, como cidadão aposentado do serviço público, eu que contribuí com a previdência social por meio século venha agora a continuar contribuindo. Fiz a minha parte. Cumpri as regras do jogo. Acho que o Judiciário não deixará prosperar tal medida do Governo, pois isto é penalizar aqueles que tanto fizeram e pagaram para ter uma velhice melhor e digna.

E.C. — Sr. Ministro, corre a notícia entre os seus mais íntimos, de que o senhor é um amante da música clássica e um pé-de-valsa. É verdade?

Ministro Anselmo Santiago — Gosto da dança, a do meu tempo, lenta. Boleros, valsas... Aprecio a música clássica.

E.C. — Sr. Ministro, é possível nomear, na sua lida de magistrado, uma decisão considerada a mais importante na sua carreira? daquelas que, atendem profundamente a um anseio popular ou a um simples jurisdicionado, e que lhe tenha dado grande realização.

Ministro Anselmo Santiago — Não. Nada emocional, emocionante ou de tal magnitude que mereça registro.